

Deus sob as Coisas: o Pensamento Espiritual de Chiara Lubich sobre a Natureza

Texto de discurso de defesa para obtenção do grau de mestre em
Ciências da Religião pela PUC-SP

Fernando Gregianin Testa¹

São Paulo, 09 de Junho de 2010

Introdução

A religião está na ordem do dia. Em 2006, em um artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, o antropólogo Clifford Geertz escreveu:

Enquanto se desenrola a história política explosiva do século nascente, o desdobramento mais notável - e o mais surpreendente - que as ciências sociais se vêem obrigadas a enfrentar na cena mundial é com certeza aquilo que se usa denominar, muitas vezes erroneamente, como “o retorno da religião”.

Erroneamente porque na verdade a religião nunca desapareceu - foi a atenção das ciências sociais que se desviou a outros campos, enquanto estiveram dominadas por uma série de pressupostos evolutivos que consideravam o compromisso com a religião uma força em declínio na sociedade, um resíduo de tradições passadas inexoravelmente erodido pelos quatro cavaleiros da modernidade: secularismo, nacionalismo, racionalização e globalização. (GEERTZ 2006)

Geertz continua argumentando sobre a necessidade de se compreender as religiões “do ponto de vista do indígena”, isto é, daquele que pratica a religião. Entretanto, não é somente no interior daquelas sociedades que se embatem explicitamente contra a modernização, como no caso das nações teocráticas no texto de Geertz, mas justamente no interior do que há de mais caro à sensibilidade contemporânea: nas ciências naturais e na tecnologia. Também lá a religião está

¹ fernando.testa@gmail.com

longe de ser um fato resolvido, consumado, simples, óbvio e, principalmente em declínio.

Qualquer um que acompanhe o debate cultural hoje perceberá esta tensão entre religião e ciência. Os livros de divulgação do físico acima de qualquer suspeita Marcelo Gleiser mostram que o interesse na relação entre o conhecimento científico e religioso permanece e vende. Para ver isso basta uma olhada em seus títulos: “O Fim da Terra e do Céu: o apocalipse na ciência e na religião”; “A dança do universo: dos mitos de criação ao big-bang”. Já outros autores anti-religião dedicam sua energia e apontam seu arsenal intelectual na tentativa de apagar do mapa qualquer resquício religioso, tais como Sam Harris, Richard Dawkins, Daniel Dennett, para citar alguns.

A relação entre religião e ciência, no entanto, é mais complexa do que a simples idéia de que elas estão em conflito e que a ciência é um solvente da religião. Isso não possui qualquer fundamento nem em como concretamente a religião e as ciências naturais se apresentam na sociedade; e nem possui fundamento na identidade epistemológica de cada uma delas. Há uma certa confusão: não se entende a natureza da religião, nem a natureza da ciência. Pensamos que em um estudo da relação entre religião e ciências naturais o fator especificamente epistemológico de cada uma destas formas cognitivas também deve ser investigado. A pergunta “Existe um conhecimento religioso?” deve ser respondida, ou, ao menos, há de se iniciar uma tentativa de resposta. Isso é o que procuramos desenvolver na dissertação que os senhores tiveram em mãos.

Motivação

Paralelamente a esta situação, o contato pessoal com a vida cristã coloca a questão de como pensar o mundo a partir desta específica forma de vida. A tradição do pensamento cristão sempre apresentou tanto uma análise quanto uma crítica da situação histórica cultural da qual participava, com conseqüente propostas em vistas à melhoria dos membros e da sociedade. Do ponto de vista teológico, esse impulso interior pode ser associado à ação do Espírito para a renovação e vivificação da Igreja e da sociedade, tema caro a João Paulo II.

Logo, se um carisma quiser contribuir para uma sociedade mais cristã, deve não somente agir no âmbito privado e caseiro mas interpretar o mundo e argumentar. Se para um carisma a intuição inicial fornece um entendimento próprio do mundo e um impulso para a ação, esta não pode permanecer somente no nível da intuição, mas deve tornar sua linguagem universalmente compreensível, transformar sua intuição em uma analítica, em uma crítica e elaborar quadros teóricos. Dito em modo simples:

ele deve sair de seu gueto, partir para um debate cultural sério, vir aqui à academia e transformar o hábito em cultura.

Problema

A escolha de estudar o pensamento da natureza em Chiara Lubich se coloca entre dois aspectos apresentados, o da situação histórica cultural atual e a participação em uma comunidade viva. (1) A autora participou, e mesmo criou, uma forma de vida cristã reconhecida como legítima. (2) Esta forma de vida, a comunidade dos Focolares, diz produzir uma cultura nova, uma contribuição à sociedade. (3) Há uma experiência mística e uma tentativa de elaboração racional desta que (4) interpreta a natureza em chave original e (5) reconhece um status epistêmico positivo nas ciências naturais.

Contribuição

Nossa contribuição para estes problemas está no texto da dissertação que os senhores têm na mão. Passaremos rapidamente por eles, dado o tempo limitado que temos, mostrando: (1) uma explicação teológica para a origem do conhecimento religioso, que é o conteúdo do segundo capítulo da dissertação, com uma teologia da criação; (2) uma explicação científica extraída das ciências cognitivas da religião para este conhecimento religioso que está no terceiro capítulo; (3) um posicionamento desse conhecimento religioso frente ao conhecimento científico.

Uma explicação teológica para o conhecimento religioso da natureza

O evento fundante do cristianismo é evidentemente a morte e ressurreição de Cristo e a aproximação individual ao evento pascal acontece sempre no interior de uma comunidade. Isso se vê na Pentecostes histórica na primitiva comunidade cristã, mas também acontece hoje nas comunidades cristãs autênticas. A isso chamamos de estrutura trinitária do evento Pascal, pois tanto a aproximação existencial ao mistério já é trinitária em sua origem quanto que a própria revelação é trinitária.

Quanto mais intensa e profunda for a experiência religiosa, tanto mais os outros aspectos da vida serão interpretados à luz dessa experiência. Assim, as concepções do mundo passam a ser consideradas à luz do acontecimento trinitário do evento-Cristo. Com isso, as ações ordinárias do cotidiano, do mundo e da sociedade ao redor se modificam em seu sentido e, pensamos, também a concepção do mundo natural físico. A esta transformação da conceitualização dos eventos e objetos do mundo sob a ótica da estrutura trinitária do evento pascal que se espalha conceitualmente pela natureza chamamos de ontologia trinitária.

Entendemos que foi isso o que aconteceu em modo experimentado por Chiara Lubich. Ela diz:

Tinha a impressão de perceber, talvez por uma graça especial de Deus, a presença de Deus sob as coisas. Portanto, se os pinheiros estavam inundados pelo sol, se os córregos caíam nas cascatas brilhando, se as margaridas e outras flores e o céu estavam em festa pelo verão, mais forte era a visão de um sol que estava sob todo o criado. Via, de certa forma, creio, Deus que sustenta e rege as coisas. E Deus fazia de tal forma que elas não fossem assim como nós as vemos; estavam todas ligadas entre elas pelo amor, todas, como dizendo, umas das outras enamoradas. Portanto, se o córrego acabava no lago era por amor. Se um pinheiro se erguia ao lado de outro era por amor. E a visão de Deus sob as coisas, que dava unidade ao criado, era mais forte que as próprias coisas; a unidade do todo era mais forte que a distinção das coisas entre elas. (CHIARA *apud* ROSSÉ 2001, p.830)

O “amor” se refere ao mesmo amor que existe entre Cristo e as criaturas. É inegável a forma mística da declaração, talvez até romântica. O que mais interessa neste relato não é tanto sua excepcionalidade mística, mas aquilo que a tradição cristã, especialmente a franciscana, sempre reconheceu na Criação e que aparece em Lubich como *experiência*, isto é, algo da ordem empírica. Esta tradição cristã franciscana sobre a criação pode ser notada na história pessoal de Lubich, pois foi terciária, mas principalmente nas semelhanças das imagens, figuras e modelos com Boaventura. Em primeiro lugar na idéia circular da trajetória do mundo: saímos de Deus, cumprimos um ciclo na história e retornamos a Deus. Em segundo lugar em sua teoria do exemplarismo a qual afirma que as coisas naturais têm como modelo Cristo e refletem de alguma maneira este modelo.

É possível notar em Lubich uma aproximação sucessiva, uma heurística na ontologia trinitária para o mundo natural que interpreta os fenômenos naturais como possuidores da mesma estrutura trinitária presente no evento Pascal. Para esta ontologia, o aspecto de dor, sofrimento e morte presentes na natureza são interpretados como o modo kenótico presente na materialidade assim como a kenosis participa no modo que Cristo exprime seu amor. Este modo kenótico é condição para o modo pericorético, onde cada coisa está relacionada a um conjunto de outras ao seu redor, formando localmente um laço vital virtuoso e globalmente uma trama estrutural que se manifesta, fenomenicamente, na miríade da vida. A partir daí é que existe a irrupção do novo, desde a constituição da própria matéria, a transformação da matéria morta em viva e o despertar do espírito humano.

Nesse quadro, os conhecimentos científicos indicariam, para essa heurística trinitária, as proporções mecânicas e regras factuais observáveis. Essas representam uma parcela da verdade que está implicada na estrutura trinitária do real, conforme a ontologia trinitária o concebe.

A explicação científica e os fundamentos naturais para o conhecimento religioso

Se nossa idéia de que existe de fato um conhecimento religioso que é expresso em Lubich nos termos da ontologia trinitária, então sua existência também deveria ser observável também através de um método estritamente científico. Isto foi o que procuramos mostrar ao expor as ciências cognitivas da religião, no terceiro capítulo, com os estudos de Justin Barrett, entre outros.

“A ciência cognitiva é o estudo interdisciplinar da mente e da inteligência que abraça filosofia, psicologia, inteligência artificial, neurociências, linguística e antropologia.” (THAGARD) As ciências cognitivas da religião apontam seu arsenal teórico para o fenômeno religioso no homem focando seu aspecto cognitivo.

Não entraremos na explanação dos diversos dispositivos, sua coordenação e cooperação que entram em cena quando o pensamento religioso está em ação no indivíduo, mas somente queremos mostrar alguns aspectos que fazem com que os resultados das recentes pesquisas das ciências cognitivas da religião possam ser interpretados harmoniosamente com a ontologia trinitária. A primeira característica a ser notada é que a religião é universal: as pessoas possuem os mesmos dispositivos cognitivos inuitivos primitivos independentemente do contexto cultural. Isto vai ao encontro da afirmação da criação do homem e de uma mesma natureza humana universal, que, neste caso, é sua estrutura biológica-neuronal-cognitiva. Em segundo lugar, há conhecimentos que são intuitivos, em oposição aos conhecimentos reflexivos, que requerem um treinamento especializado.

Entretanto, nem todos os conteúdos das crenças têm seu fundamento em uma faculdade ordinária intuitiva, como Barrett mostra com o exemplo da Trindade. Logo, no caso de Lubich, temos a situação de que a origem natural da detecção de agentes sobrenaturais estruturantes dos fenômenos naturais possui uma raiz na cognição religiosa natural humana. Por outro lado, o agente detectado não é um agente trivial, é a expressão da ontologia trinitária que se manifesta como raiz do real, conferindo a ele a própria característica de racionalidade. Assim, o pensamento religioso da natureza possui, ele mesmo, uma origem natural mas o transcende.

É o próprio Barrett que comenta:

O cristão talvez argumente que através de certos meios (talvez incluindo a evolução) Deus equipou as pessoas com o equipamento cognitivo como pré-requisito para ter uma relação apropriada com Deus. (BARRETT 2009, p. 99)

A religiosidade humana com sua linguagem que agora começa a ser estudada pelas ciências cognitivas mostram o *a priori* para a percepção da presença de Deus sob as coisas e a estrutura trinitária do real.

Realismo e Religião

Importa esclarecer um pouco o que se entende por “realidade”. Para a pessoa religiosa, o realismo é algo como que óbvio. No cristianismo, pode-se argumentar que Deus é a realidade última de tudo o que existe. Mesmo diferentes tentativas de definição da religião reconhecem este aspecto realista. Mircea Eliade diz “o sagrado equivale ao poder, e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser”. (ELIADE 2008, p.18). E também para o já citado Geertz, as motivações e disposições são revestidas com “uma tal aura de fatualidade que (...) parecem singularmente realista” (GEERTZ 1978, p.104-105).

Entretanto, a explanação do que vem a ser este *real* é sempre envolta em uma aura de indeterminação. A teologia apofática sempre foi consciente da impossibilidade de exaurir o conteúdo do mistério. Dentro da heurística da ontologia trinitária, esta distância entre o real e o dito é interpretada como expressão da kenose presente tanto no real quanto na próprio conhecimento, pois Cristo revestiu-se de ignorância ao ser crucificado e gritar seu “porquê?”. Com isto, a heurística da ontologia trinitária não cai no equívoco de pensar que estamos reconciliados com a natureza, pois a ignorância e o estranhamento que o homem possui diante da natureza está inscrita no interior da própria distância da separação que Jesus experimenta de seu Pai no momento da cruz.

Também nas ciências naturais, há uma certa consciência da provisoriedade e mesmo precariedade do dizer científico e, no entanto, ainda conserva em si uma noção realista do conhecimento na medida que suas teorias não são fantasias ou pura criação, mas se relacionam a fatos que expressam a natureza das coisas. Enquanto as revoluções paradigmáticas apresentadas por Thomas Kuhn (2007) indicam a dependência da comunidade na produção científica, a crescente capacidade preditiva apresentada por Imre Lakatos (1979) pode ser entendida como o aspecto de participação da realidade na formulação das teorias científicas.

Em resumo, o realismo, desde que corretamente compreendido e para isso acrescentamos o termo “crítico” a ele, possui determinados modos de apreensão da realidade. Entre estes modos estão o científico (*sub specie naturae*) ou o religioso (*sub specie aeternitatis*), e são análogos entre si: ambos contém dados da realidade (o evento-Cristo para o cristianismo e os fenômenos para as ciências naturais); ambos elaboram modelos para representar os fatos (teologias ou teorias); ambos contém a participação

de uma comunidade de sentido ou de especialistas; ambos possuem a consciência de estarem distantes da realidade-em-si.

O Conhecimento Religioso

Uma tentativa de definição do conhecimento religioso é algo arriscado nos dias de hoje. Após a suspeita que foi lançada nos séculos que nos precederam, parece que a religião não poderia ter mais nada a dizer sobre o mundo, sendo reduzida a uso pessoal e privado, na esfera dos significados subjetivos minimamente comunicáveis.

O conhecimento religioso da natureza, como parece emergir dos escritos de Chiara Lubich, possui uma característica própria: não é redutível nem à estética, nem à ciência e nem à própria teologia, apesar de se apresentar em um contínuo com esta última. Ele mantém uma visão de mundo perfeitamente coerente com o pensamento contemporâneo científico. Podemos caracterizá-lo como:

- um conhecimento imediato, por familiaridade à coisa, oposto ao conhecimento proposicional que é mediado pela linguagem e abstrações. A mística pode fornecer um condensado empírico para produzir o conhecimento por familiaridade, mas o conhecimento religioso não se limita à mística. Se trata do imediatismo do contato da subjetividade com o evento-Cristo, que acontece no interior de uma comunidade.

- um conhecimento que nasce do “mistério”. O mistério é entendido aqui como algo que não se esvazia pela ação da razão mas que se apresenta sempre cheio de motivos e conteúdos para o exercício da razão, como que em uma “origem” do pensamento.

Este tipo de mistério envolve conhecimento real, e mesmo um conhecimento que é reflexivamente consciente de sua própria incompletude ou inadequação. A realidade conhecida é sempre enigmaticamente maior, ou mais profunda do que nosso conhecimento dela. (...) A propriedade definidora do mistério neste sentido é que seu caráter misterioso não é removido quando se toma conhecimento dele. (BOYER 2007, p.91)

- um conhecimento resultado da ação da graça sobre o desejo, produzindo a vontade de verdade. A graça seria o transcendental através do qual a heurística da ontologia trinitária chegaria a conhecimentos criticamente verdadeiros acerca do mundo natural.

Conclusão

Somente alguns aspectos puderam ser expostos aqui nesta breve apresentação. A urgência de se pensar o cristianismo em suas constituições de formas de vida como produtor de conhecimento válido é de extrema importância no atual quadro cultural

no qual os conhecimentos científicos e tecnológicos reclamam ser os únicos legítimos mas que, após uma análise atenta, se mostram marcados por ambivalências.

De sua parte, o conhecimento religioso apresentado se coloca em diálogo construtivo em relação a estes conhecimentos científicos. Nas palavras de Lubich:

Não é verdade que a ciência e a fé caminham cada uma por conta própria. A fé ilumina a ciência e a ciência pode ser de ajuda à fé.

Tanto uma quanto a outra têm, de fato, um único objeto: a *verdade*, que para uma pode ser aquela mais transcendente e invisível, que sustenta todo o criado; enquanto para a outra aquela visível, que não esgota perfeitamente a sua tarefa se não descobre a causa do todo.² (LUBICH 1978, p.129).

Para Lubich, conhecimento científico e religioso se colocam como que em visão estereoscópica da realidade, mediado pelos seus próprios modos epistêmicos que permitem um olhar de profundidade diante do mundo.

Resumindo. A aproximação do indivíduo ao evento-Cristo com a sua conseqüente transformação interior, isto é, uma modificação profunda do desejo pelo efeito da graça a partir do consentimento da liberdade, produz aquelas condições cognitivas para que ele perceba, através de um contato imediato com o mistério, a estrutura trinitária do próprio evento-Cristo presente no mundo criado. Isso acontece pelo vínculo da caridade existente na ordem do mundo da vida que permite a atualização do evento-Cristo na comunidade que penetra de tal modo na constituição do sujeito que se torna seu próprio ser. Se a experiência religiosa em Lubich é inicialmente intuitiva, por familiaridade ao dado de fé fazendo uso das faculdades ordinárias da cognição humana, em seguida ela se tornará progressivamente refletida em um *continuum* com esta mesma experiência. Desse modo o evento-Cristo produz uma conseqüente epistemologia e ontologia trinitária: um particular modo de interpretar o mundo ao redor - na vida humana primeiro e na criação e na natureza em seguida. Os momentos identificados nesta estrutura são a *kenose* ou Abandono e a *pericorese* ou Unidade, dos quais nasce o terceiro momento, o novo, o inesperado, a criação, a vida, designados pelo termo Espírito. A interpretação da natureza em chave religiosa é, portanto, uma heurística desta estrutura trinitária onde existe a consciência da inadequação do próprio conhecido, permanecendo uma autocrítica ou consciência apofática que é o momento *kenose* no conhecimento. No entanto, ela é realista, há uma aproximação verdadeira de como as coisas realmente são - momento *pericorese* - e possuidora de criatividade - o momento novo.

² “Non è vero che la scienza e la fede camminino ognuna per proprio conto. La fede illumina la scienza e la scienza può essere di aiuto alla fede. L’una e l’altra infatti hanno un unico oggetto: la verità, che per l’una può essere più quella trascendente ed invisibile, che regge tutto il creato; per l’altra quella visibile, che non esaurisce perfettamente il suo compito se non scopre la causa del tutto.”

A produção científica é interpretada, dentro desta heurística da ontologia trinitária, como uma forma epistêmica complementar para a mesma realidade. Os conhecimentos científicos são uma possibilidade de exprimir parte daquelas mesmas realidades que a ontologia trinitária apresenta em chave religiosa. Nessa visão de mundo, a ordem da natureza, sua racionalidade que é o pressuposto fundamental de toda atividade científica, é garantida pela estrutura trinitária do mundo fenomenicamente observada na crescente capacidade preditiva e explicativa. A percepção da estrutura trinitária do mundo natural reflete também semelhanças com o pensamento franciscano, especialmente em Boaventura, onde Cristo é o modelo do criado, revelador da estrutura trinitária.

Como idéia para o futuro, o drama e a tragédia na transformação do mundo através da técnica que se utiliza de conhecimentos científicos pode ser superado justamente através da unidade nas comunidades científica e religiosas, uma emprestando sua visão à outra num processo de atualização do próprio evento-Cristo numa única comunidade simultaneamente científica e de fé sem confusão metodológica. Colocar a relação com as ciências naturais em chave conflituosa é desconhecer como opera o mundo da vida próprio do cristianismo. Aqui, a pesquisa científica é necessária para poder compreender o mistério que é a realidade que nos circunda.

Referências

BOYER, Steven. The Logic of Mystery. Religious Studies, vol. 43, pp. 89-102. New York: Cambridge University Press, 2007.

BARRETT, Justin. Cognitive Science, Religion, and Theology. In: The Believing Primate: Scientific, Philosophical, and Theological Reflections on the Origin of Religion. New York: Oxford University Press, 2009.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

GEERTZ, Clifford. O Futuro das Religiões. Folha de São Paulo. 06/05/2006.

KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

LAKATOS, Imre. O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa Científica. In: A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

ROSSÉ, Gérard. La Creazione. Nuova Umanità, v.138. Roma: Città Nuova, 2001.

THAGARD, Paul. Cognitive Science. In: Plato - Stanford Encyclopedia of Philosophy. Disponível em <http://plato.stanford.edu/entries/cognitive-science/>. Acesso em 16/05/2010.